

O MATE E O TACHO: APRESTOS DA VIDA NO QUILOMBO CORRÊA

FERREIRA, Leticia de Faria¹; FUCKS, Patrícia Marasca²; BONFADA, Elcio Bilibio³.

Palavras-chave: remanescentes de quilombos, etnografia, cotidiano, memória.

O presente resumo objetiva elencar algumas hipóteses de trabalho da pesquisa etnográfica que vêm sendo desenvolvidas na Comunidade rural do Distrito de São Paulo das Tunas, no município de Giruá/RS, mais especificamente nas chamadas “casas dos Morenos”, reconhecida oficialmente como Quilombo Corrêa desde junho de 2010. Distante cerca de 20 km da sede de Giruá, é habitado pelos descendentes do patriarca dos Correa, o qual adquiriu uma pequena área de terra (em torno de 5ha) a partir dos rendimentos de seu trabalho como peão e agregado de uma fazenda vizinha; local onde residem os seus filhos. Segundo relatos dos filhos mais velhos, hoje com idade superior a sessenta anos, seu pai teria vindo à região para trabalhar no conserto dos batentes da estrada de ferro, possivelmente sendo descendente de escravos oriundos das fazendas da região de Cruz Alta/RS. A geração atual, que descende diretamente do patriarca⁴, reside no Quilombo e tem como meio de subsistência os produtos provenientes da propriedade rural e, fundamentalmente, a aposentadoria. A maioria encontra-se com certa idade e os homens trabalharam como peões e diaristas em diversos ofícios nas redondezas. A mais jovem descendente, Cleuza, é quem cuida das apresentações da comunidade para o público visitante e, também, busca junto à Prefeitura realizar um projeto que seja capaz de aliar a visita com alternativas que ajudem na geração de renda para a família. Considerando que a história da comunidade e da família depende da memória oral de seus integrantes, a pesquisa intenta percorrer esse caminho da memória, a partir dos relatos de vida, levando em conta seus desvios e labirintos onde os modos e usos da vida, no presente, se imiscuem com o passado. Observa-se que as relações de parentesco, tal como as suas casas, são muito próximas na comunidade e as refeições são compartilhadas especialmente quando recebem algum visitante. Este evento ainda é percebido com certa surpresa pelos *Corrêas*, pois o lugar torna-se a cada dia uma espécie de ponto turístico da região. Para obsequiar quem chega ao Quilombo é comum que a família apresente a erva de carijo, feita cuidadosamente por Tigre (apelido de José Correa) que colhe as folhas em terras vizinhas e, depois, seca-as na beira do riacho que passa no seu terreno. Também são preparadas algumas receitas culinárias como a galinhada de tacho, prato que, entre outras coisas, revela um pouco da teia de influências que compõem o universo cultural – a presença negra, polaca, alemã, indígena, portuguesa; enfim, pesquisar o Quilombo Corrêa é adentrar um rico território de hibridismo cultural, onde as diferenças culturais aparecem como se fossem conduzidas para uma aquarela que, ao misturar-se, cria novas e criativas cores.

¹ Dra. em Antropologia/ CPDA/UFRRJ, Docente e pesquisadora da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo, RS. E-mail: leticiadefaria@hotmail.com

² Mestre em Extensão Rural/ UFSM, Especialista em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos/ UFRGS, Docente e pesquisadora da UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo, RS. E-mail: pmfucks@uffs.edu.br

³ Acadêmico do curso de Agronomia, UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo, RS. E-mail: elciobonfada@hotmail.com

⁴ Existem outros parentes mais distantes dos Corrêas na região, especialmente no município de Santa Rosa/RS.